

A OUTRA
FACE DE
DEUS

F.T. FARAH

A OUTRA
FACE DE
DEUS

“PREPARE-SE PARA
UMA INACREDITÁVEL
AVENTURA DIVINA.”
FERNANDO MORAIS

Título original: A outra face de Deus
Copyright © 2012 por F. T. Farah
© 2012 por Rai Editora

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de armazenamento ou transmitida em qualquer formato ou por quaisquer meios: eletrônico, mecânico, fotocópias, gravação ou qualquer outro, sem o consentimento prévio.

Coordenação editorial
Estúdio Logos

Editora assistente
Mayara Facchini

Preparação de texto
Gabriela Ghetti

Revisão
Ricardo Mauricio Franzin

Capa e projeto gráfico
Thiago Sousa | all4type.com.br

Diagramação
all4type.com.br

Imagem de capa: Mark R. Thomas/Getty Images

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F226o Farah, Fabio, 1976-
A outra face de Deus / Fabio Farah. - São Paulo : Rai, 2012.

ISBN 978-85-8146-031-4

1. Ficção brasileira. I. Título.

12-3956.

CDD: 869.93
CDU: 821.134.3(81)-3

Direito de edição:
Rai editora

Avenida Iraí, 143 - conj. 61 - Moema - 04082-000 - São Paulo - SP
Tel: (11) 2384-5434 - www.raieditora.com.br
contato@raieditora.com.br

A SANTO DOMINGO DE LA CALZADA. ELE REVELOU
MINHA MISSÃO, PAVIMENTOU O CAMINHO E, DESDE O
INÍCIO, ACOMPANHA OS MEUS PASSOS.

*O VOSSO ADVERSÁRIO, O DIABO, ANDA EM DERREDOR
COMO UM LEÃO QUE RUGE, PROCURANDO A QUEM
DEVORAR. (1ª CARTA DE SÃO PEDRO, 5,8)*

TODAS AS CITAÇÕES BÍBLICAS
NESTE LIVRO FORAM EXTRAÍDAS
DA *BÍBLIA SAGRADA*. TRADUÇÃO
DA CNBB, 9ª ED., 2009.

AGRADECIMENTOS

À amada companheira nos caminhos da vida, santa duas vezes no nome. Ela me encorajou a seguir o santo peregrino, cedeu seu cajado e, mais uma vez, enriqueceu meu manuscrito com suas observações.

Aos queridos pais e irmã pelo apoio, incentivo e orações que moveram montanhas e aplainaram o caminho. É a melhor família que alguém poderia desejar.

À escritora homônima de uma santa russa. Seus conselhos me fizeram iniciar a carreira literária seguindo outra trilha.

Ao amigo devoto de Santa Teresa de Lisieux pelas observações e sugestões.

Ao jornalista e escritor que compartilha o nome do rei santo de Castela. Apesar de não acreditar em Deus, ele embarcou em uma “aventura divina” e me presenteou com seu comentário.

Aos primeiros leitores que fizeram observações importantes e, com o nome, homenageiam os seguintes santos: o fundador da ordem cisterciense, o criador do arianismo, que sofreu o martírio para se retratar, e o missionário responsável pela conversão do rei da Suécia.

Ao especialista nos prazeres da mesa, homônimo do fundador das Filhas da Sabedoria. Suas inúmeras sugestões deixaram as páginas deste livro mais saborosas.

Ao amigo com nome de padre italiano, pelo incentivo e pela consultoria na parte médica.

Ao amigo alquimista com nome do primeiro mártir cristão, por me apresentar as profecias do papa João XXIII.

Ao amigo diplomata que me abasteceu com informações sobre a Cidade Eterna.

Ao amigo com nome de agente secreto. Ele salvou minha vida do pior dos lobos.

E, finalmente, ao meu confessor. Seu nome recorda um rei e santo francês. Ele me recebeu de volta com o Salmo 8.

ALGUNS FATOS

Há quase dois milênios, Jesus Cristo escolheu o discípulo Pedro para guiar seus seguidores em um mundo mergulhado nas trevas. Ele é considerado o primeiro papa da Igreja Católica.

Segundo o Catecismo da Igreja Católica, os demônios são seres pessoais. Liderados por Satanás, estão engajados em uma batalha contra a humanidade, a Igreja e o mundo. Entre as atividades extraordinárias dos anjos caídos está a possessão de seres humanos. Apenas padres, com a permissão de bispos, podem realizar o ritual de exorcismo.

O conselheiro da rainha Elizabeth I, John Dee (1527-1608), foi um dos intelectuais mais notáveis de sua época. Além de matemático, astrônomo, geógrafo e espião, era mestre em ciências ocultas e afirmava se comunicar com o mundo dos espíritos. Baseado em supostas revelações sobrenaturais, desenvolveu a magia enoquiana, essencialmente anticristã. Seu maior tesouro, o Livro das Folhas Prateadas, nunca foi encontrado. John Dee dizia que ele fora escrito pelos próprios anjos.

O papa João XXIII (1881-1963) profetizou sobre um livro maldito que surgiria no fim dos tempos. Ele invocaria o ódio, dividiria os homens e provocaria guerras. Segundo suas palavras, esse livro criaria um “inferno sobre a Terra”.

PRÓLOGO

LONDRES, 1589

Batidas violentas fizeram-no saltar da cama. Coração acelerado. Respiração entrecortada. De camisola e touca na cabeça, empunhou a espada e foi à entrada da casa. “Será que fomos descobertos?”, indagou-se, girando a chave suavemente. Seguiram-se três batidas. Em um movimento rápido, virou a maçaneta, escancarou a porta e estendeu a espada na direção do inimigo. Do lado de fora, um homem de barba, bigode e cabelos longos e desgrenhados, cobertos por chapéu, engoliu seco. A ponta de metal tocando a pele flácida de sua garganta. Ao reconhecê-lo, John Dee baixou a arma e o encarou com severidade.

— Nada mal para um homem de sua idade – brincou seu discípulo, envergando uma capa azul-escura sobre a roupa.

Aquele homem tinha fama de charlatão. Mas o mestre o considerava um iluminado. “Ele conversa com os anjos”, respondia aos seus detratores. A defesa não era um ato espontâneo de generosidade. John acreditava que, pela intercessão daquele jovem impetuoso, Deus lhe confiava Seus segredos. E, graças a eles, tornara-se um dos homens mais influentes do mundo. Reis e rainhas eram capazes de cometer os piores crimes apenas para ouvir seus conselhos. Defenderia Edward com as próprias mãos, se fosse preciso. Embora, naquele momento, quase tivesse arruinado seu maior tesouro.

— O que faz aqui a essa hora? – indagou-lhe, afastando-se para que ele entrasse. – Pensei que fossem eles.

— Eles estão bem perto, mestre – respondeu Edward, sentando-se no sofá.

— Como sabe disso?

— O mensageiro me revelou em um sonho – disse, franzindo o cenho.

— O que você viu? – inquiriu John, acomodando-se na poltrona diante dele e, com a mão direita, acariciando a longa barba branca.

— Homens alados com espadas flamejantes nos caçavam como se fôssemos animais, mestre – respondeu, arregalando os olhos.

— O que queriam?

— Queriam nos matar. E nos impedir de realizar a missão que Deus nos confiou – entregou, tirando o chapéu e colocando-o ao lado.

— Até hoje o mensageiro não revelou nossa verdadeira missão, Edward – rebateu John, encarando-o.

— Por isso ele me enviou até aqui, mestre. Precisamos ir ao laboratório antes que seja tarde demais.

John levantou-se e foi ao porta-chapéus. Vestiu o pesado casaco de pele de raposa. Em seguida, acendeu um candeeiro e fez sinal para que Edward o acompanhasse. Em silêncio, dirigiram-se para a biblioteca, considerada a melhor da Europa. Passaram pelas inúmeras estantes de livros e pararam diante de uma delas, no lado oposto à entrada.

— A hora da mágica – anunciou Edward. John repousou o candeeiro em uma pequena mesa lateral e colocou, ao seu lado, um exemplar manuscrito da Bíblia do Rei James retirado da estante. Enfiou o braço no vão e tateou o fundo, em busca de uma pequena alavanca. Forçou-a para baixo. Barulho de algo se soltando. Com a ajuda de Edward, empurrou a estante para a esquerda. Ela se moveu em um trilho oculto na base, revelando uma passagem. John agarrou novamente o candeeiro com a mão esquerda. Ergueu-o diante de si, iluminando os degraus. Os dois desceram em silêncio até uma pequena sala. Três espelhos de metal polido ornamentavam a parede oposta. Uma pequena janela oval na parede oeste permitia a entrada de luz solar, por um mecanismo refletor criado por John. No centro, uma mesa medindo quase um metro de altura sobre um tapete de seda vermelho, de aproximadamente dois metros quadrados. A toalha de linho branco sobre o tampo de quase um metro quadrado tocava o chão. Entre dois castiçais com círios, uma moldura circular exibia, no centro, um cristal redondo e polido. Nas laterais, duas cadeiras verdes encostadas.

— Precisamos pegar os outros objetos – disse John, avançando para uma porta à direita.

— Não precisaremos do Sigillum Dei, nem do espelho negro – retrucou Edward, em tom enérgico.

— O que devemos fazer, então? – indagou o mestre, pendurando o candeeiro em um gancho fixado na parede à direita da entrada.

— Vá ao oratório e reze para que Deus envie seu mensageiro – respondeu seu discípulo, acendendo os círios com o auxílio de uma vela acesa na chama que John carregava há pouco.

A sala ao lado era menor ainda. Um armário de madeira com portas de vidro cobria uma parede. Lá estavam os objetos ritualísticos que os dois usavam nas sessões, além de manuscritos com as revelações dos anjos, enunciadas por Edward e transcritas por ele. Do lado oposto, uma estátua sobre o altar dourado estava coberta por um tecido negro. John acendeu uma vela e ajoelhou-se diante dela, sobre uma pequena almofada de veludo verde-escuro. Uniu as mãos em prece e fechou os olhos.

— Senhor do céu e da terra, eu vos imploro: enviai vossos anjos para que nos mostrem o caminho. E confundi nossos inimigos para que não nos encontrem até que tenhamos terminado o que esperamos de nós.

Um estrondo na sala principal estremeceu o chão, e um calafrio percorreu-lhe as vértebras. Sentiu pavor. Abriu os olhos. O tecido negro que cobria a estátua caíra ao seu lado. Virou-se para cima. O rosto de um anjo, iluminado pela vela, sorria. “É um sinal. Ele está aqui”, deduziu, levantando-se. Pegou um pergaminho, pena e tinta e avançou para o laboratório. O discípulo estava tombado no chão, de bruços. Correu em seu socorro.

— Edward, Edward – chamava seu nome enquanto sacudia o corpo, tentando acordá-lo. Sem sucesso. Uma forte luz invadiu a sala pela janela oval.

— Impossível. São quatro da manhã – concluiu, olhando o relógio de parede – Senhor? – indagou perplexo, ajoelhando-se diante do cristal e cobrindo os olhos com as mãos. Sentiu uma ventania no rosto. Imaginou um anjo pairando sobre a mesa. Era capaz de ouvir suas asas movimentarem o ar. Permaneceu imóvel por mais de uma hora, até o visitante alado desaparecer. Abriu os olhos. A sala voltara a ser iluminada apenas pelos círios e pelo candeeiro. Levantou-se. Algo reluzia sobre a mesa. Era um livro prateado de aproximadamente vinte centímetros de comprimento, dezoito de largura e quarenta e oito páginas. Reconheceu imediatamente o símbolo na capa. E estendeu a mão para tocá-lo.

— Este é o tesouro – revelou Edward, recuperando-se do desmaio.

— Podemos abri-lo?

— Ele não foi escrito para nós. Nossa missão é escondê-lo durante os próximos séculos – revelou Edward.

— Por quê? Para quem?

— Esse livro é a chave de uma nova era, mestre. E ele nos escolheu para sermos seus profetas.

— Quem? Deus?

— Não. Samyaza.

John olhou para o discípulo. Estava aterrorizado.

LIVRO I
O ANJO DA NOITE

CAPÍTULO 1

ROMA, NOS DIAS DE HOJE

A freada brusca fez com que a mulher, sentada atrás do motorista, batesse a cabeça no encosto. O sangue começou a escorrer da narina esquerda. Ela tombou no banco.

— Cuidado, ou vai ser punido pelo padre – berrou Andrea, o outro passageiro. Diante deles, a Basílica de Santa Maria in Aracoeli, iluminada por refletores, erguia-se majestosa contra o céu escuro. Aquela imagem era uma das metáforas preferidas do padre Pietro Amorth em suas homilias: “Um sinal de Deus em um mundo mergulhado nas trevas”.

— O que vamos fazer com ela? – perguntou Simone, o motorista.

— Temos que deixá-la na igreja.

— Não vou subir todos esses degraus carregando essa vadia.

— Você recebe para isso. Agora cale a boca e me ajude – retrucou Andrea, abrindo a porta do carro.

Os seios volumosos insinuavam-se no decote da camiseta branca. Minissaia preta. Salto alto. A maquiagem carregada dividia espaço com vários hematomas. O nariz estava inchado. Poderia ser a pancada de segundos antes ou as bofetadas de horas atrás. O cabelo liso, na altura dos ombros, era quase todo loiro, excetuando-se as raízes negras. Apesar do pouco peso e da estatura baixa, Andrea teve dificuldades de puxá-la para fora. Olhou para o amigo, mais alto e bem mais forte do que ele.

— Deixe comigo – adiantou-se Simone, debruçando-se sobre a mulher – Posso passar alguns minutos com ela antes?

— Só se você não tiver medo de ser mastigado pelo diabo, seu imbecil! – berrou Andrea – Traga-a para fora. O padre nos espera.

Como se fosse um pacote de poucos quilos, Simone colocou a vítima nas costas e subiu as escadas. Ao se aproximar da imponente porta principal de Santa Maria in Aracoeli, o celular tocou no bolso da jaqueta de Andrea.

— Sim, padre, somos nós. Quer que deixemos a mulher aqui na entrada? Tudo bem, podemos entrar com ela pela porta lateral.

— O que ele vai fazer com esta cadela? – perguntou Simone, exibindo um sorriso malicioso – Quer que a gente participe da brincadeira?

— Cale a boca, cara. Assim vou ter que arrumar outro ajudante!

A porta do lado esquerdo se abriu. Diante dela, um homem alto e magro, com uma lanterna na mão. Cabelo e barba grisalhos, bem aparados. Uma cicatriz triangular na testa. Vestia um hábito negro, com um crucifixo de prata pendendo do pescoço. O sorriso desapareceu ao olhar o rosto da mulher desacordada.

— O que aconteceu? – indagou, ríspido.

— Ela estava histérica, padre – respondeu Andrea.

— E agressiva. Arranhou meu rosto – completou Simone, sob o olhar reprovador do colega.

— Tivemos que sedá-la com aquela injeção de tranquilizante que o senhor nos arranjou – prosseguiu o responsável pela missão.

— Venham comigo. E sem perguntas – ordenou o padre Pietro Amorth, fechando a porta da igreja e seguindo pela nave lateral. As imponentes colunas, trazidas do Fórum Romano e do Monte Palatino, pareciam gigantes na penumbra. Elas apoiavam o clerestório acima, com suas janelas retangulares. Após alguns metros, a mulher começou a gemer. Passaram pelo altar à esquerda do transepto da igreja. Ela deu um grito. E um soco nas costas de Simone. Os homens estremeceram.

— É onde ficam os ossos de Santa Helena. Um lugar sagrado – explicou Pietro, apontando para ele – Não se preocupem. Estamos chegando.

— Santa Helena era a mãe do imperador Constantino. Se não fosse por ela, o mundo teria outros deuses, Simone.

— Se todos os seminaristas pensassem como você, Andrea, o rebanho estaria perdido. A vitória do cristianismo é um milagre de Deus. Santa Helena foi apenas um instrumento em Suas mãos – repreendeu-lhe o padre, abrindo a porta da sacristia.

“Ele está prestes a violentar esta gostosa e quer dar lição de moral. É um babaca”, reprovou Simone, em pensamento. A mulher apenas gemia. Pietro os conduziu até uma estante com relíquias de santos em uma parede lateral. Pegou uma chave do bolso e abriu a pesada porta

de vidro e madeira. No centro, uma peça dourada no formato de cabeça, incrustada de pedras preciosas coloridas. A viseira transparente permitia observar seu interior. Havia um crânio humano. Com cuidado, o padre retirou o tesouro de seu plácido repouso e colocou-o sobre uma mesa.

— Que capacete macabro... – comentou Simone.

— É um relicário. Andrea, quando estiver fora daqui, explique ao seu amigo o significado deste “capacete” – censurou Pietro, deslocando para baixo uma pequena alavanca, que ficava escondida atrás do relicário. Empurrou a prateleira para o lado. Ela se deslocou sobre um trilho imperceptível em sua base, revelando uma porta. Com outra chave, o padre destrancou a câmara secreta. “Tanto trabalho para foder esta vadia”, pensou Simone. Pietro acendeu a luz e fez um sinal para que entrassem. A sala tinha seis metros quadrados. Diante deles, e sob uma pequena janela octogonal, uma imagem de Santa Maria.

— A autêntica Madonna di Aracoeli – suspirou Andrea. O rosto de seu assistente se iluminou, como se aquele ícone trouxesse lembranças agradáveis do passado.

Um quadro de São Miguel empunhando uma espada e pisando sobre o dragão vermelho pendia no lado oposto. As duas paredes laterais, com rachaduras, ostentavam quatro crucifixos de prata cada uma. Dispostas abaixo deles, quatro cadeiras de madeira, espaldar reto. No centro do cômodo, uma cadeira estofada de veludo vermelho parecia presa ao chão, ao lado de uma pequena mesa com uma maleta de couro marrom bastante desgastada.

— Amarrem essa infeliz naquela cadeira e deem o fora – ordenou Pietro, apontando para o centro da sala.

Como se fosse um pacote de poucos quilos, Simone acomodou a mulher. Andrea usou os rolos com correias de três centímetros de largura para amarrar as pernas bem torneadas, evitando olhar em direção às coxas. Depois prendeu os braços, desviando os olhos dos seios.

— O que estou fazendo aqui? – ela perguntou ao seminarista antes que ele se levantasse. Era sua primeira frase após horas de silêncio forçado.

— Já fizeram seu trabalho. Agora saiam! – impacientou-se Pietro.

— Por favor, não me deixem aqui com esse pervertido – ela suplicou, apelando para a compaixão daqueles dois jovens.

— Você conhece o caminho, Andrea. Bata a porta da igreja assim que sair – orientou o padre.

— Vamos embora, Simone.

Deixaram o padre a sós com a mulher. Sem dizer uma palavra, atravessaram a sacristia ouvindo o choro desesperado daquela “infeliz”. Antes de passarem pela porta que levava à nave lateral, um grito aterrorizante. Apertaram os passos. Deixaram a igreja sem olhar para trás. No carro, após alguns minutos, Simone quebrou o silêncio:

— Esse foi meu último trabalho para vocês.

— Por quê?

— Não sou nenhum santo. Passei bons anos da minha vida atrás das grades porque matei minha noiva – explicou Simone.

— Eu sei disso. Aonde quer chegar com essa história toda?

— Aquele safado podia foder aquela mulher em qualquer lugar. Mas não na frente daquela imagem de Nossa Senhora, cara! Passei minha infância vendo minha mãe rezar na frente dela. Todos os dias.

— Não acredito que você esteja pensando isso dele, seu pervertido! – censurou Andrea.

— O que quer que eu pense, então? O que ele vai fazer com ela naquele quartinho secreto?

— O padre Amorth é um exorcista – respondeu Andrea.

CAPÍTULO 2

Era fim de tarde. Céu cinzento. Sentado em um banco do Saint James’s Park, um jovem alto, pálido e em boa forma. O nariz alongado e arrebicado era proporcional ao rosto fino, com as maçãs e o queixo levemente salientes. O cabelo loiro, mais comprido no alto da cabeça e curto na nuca, deixava as orelhas descobertas. As costas arqueavam-se para a frente e os olhos castanho-claros corriam as páginas de *A Tempestade*, de William Shakespeare. Entretido com a magia do protagonista Próspero,

o jornalista David nem percebeu o atraso da namorada Susan. “Às vezes, a morte chega sem avisar”. Assustado, ele ergueu a sobrançelha direita, interrompida por uma discreta cicatriz, e fechou o livro.

— Quem falou comigo? – indagou, mordiscando o lábio inferior, levemente mais estreito que o superior.

Não havia ninguém por perto. Olhou para o relógio. Passava-se quase meia hora do horário combinado. Pegou o celular e discou o número de Susan. Caixa postal. Seu sexto sentido era uma dádiva no trabalho, mas parecia uma maldição na vida privada. Ouviu um estrondo no céu. As nuvens se abriram. Surgiu um dragão vermelho-fogo. Era um ótimo repórter e não fugia da notícia, fosse ela um *serial killer* ou um monstro de proporções cósmicas. Conseguiu contar sete cabeças e dez chifres. A cauda se agitava freneticamente. Deduziu que era cinco vezes maior do que a torre do Big Ben. Olhou com atenção. Ela parecia brincar com centenas de esferas de fogo. Em um gesto inesperado, arremessou-as para baixo. *Flashes* de luz. Explosões. David sentiu um estilhaço atingir sua perna direita, acima do joelho. Caiu no chão, contorcendo-se de dor. Percebeu alguém se aproximar. Abriu os olhos. Havia um homem envolto em fumaça escura. Não conseguiu enxergar quem era.

— Quem está aí?

— Samyaza.

— O que quer?

— Vou foder sua mulher. Aquela puta do inferno.

Coração acelerado. Respiração ofegante. David abriu os olhos. Estava em seu território. Sentiu-se seguro. O relógio marcava quatro da manhã. Pontualmente. Sentou-se na cama. Pegou o bloco de notas no criado-mudo. Desde a trágica morte de Susan, aquele sonho se repetia. Apenas alguns detalhes mudavam, como o banco do parque e o trecho da peça de Shakespeare. Porém, era a primeira vez que se lembrava de algo importante. A caneta escorregou de sua mão suada enquanto escrevia aquele estranho nome: Samyaza. Foi até a sala de estar. Apertou a tecla *shuffle* do som. O acaso escolheu *A Arte da Fuga – Contrapunctus I*, de Bach, seu compositor favorito. Apanhou o cachimbo Dunhill, com seu inconfundível ponto branco na boquilha, herdado do avô paterno. Preparou-o com uma mistura exclusiva de tabaco. Entre uma baforada e outra, pensou em Susan. Já se

passaram quinze anos do acidente de automóvel. Ele não se apaixonara por mais ninguém. O porta-retratos ainda enfeitava a sala com seu sorriso. E iluminava seu coração. A primeira música terminava. No silêncio de alguns segundos, desejou ter morrido com ela. Havia alguma razão para ter sobrevivido. E aqueles pesadelos talvez tivessem a resposta.

CAPÍTULO 3

Pietro abriu a maleta. Retirou alguns objetos e deixou-os sobre a mesa, ao lado de sua prisioneira.

— O que o senhor vai fazer comigo, padre? Me tire daqui, por favor. Não fiz nada de errado – ela suplicou.

— Aqui, neste lugar, uma mulher profetizou a chegada de Nosso Senhor Jesus Cristo ao imperador Augusto. E ele construiu o *ara coeli*, altar do céu. É um terreno sagrado – explicou, dirigindo-se para trás da cadeira.

— Me tire daqui! – ela gritou.

O padre pôs sobre o hábito uma sobrepeliz branca. Pegou a estola roxa e colocou-a sobre o ombro da mulher. Ela se contorcia. E berrava. Pietro fez o sinal da cruz sobre sua cabeça.

— Seu padre maldito, me deixe em paz – disse ela, com uma voz grave, masculinizada.

— É você que está no lugar errado. *Exorcízo te, immundíssime spíritus, omnis incúrsio adversárii, omne phantásma, omnis légio, in nómine Dómini nostri Jesu Christi* – rezava, sem se importar com os rancos da mulher, cada vez mais altos.

Com um aspersório de prata e um frasco de vidro nas mãos, postou-se a dois metros de distância dela. O rosto, antes inchado por pancadas, estava estranhamente disforme. Os ossos, mais pronunciados. As veias cortavam a pele translúcida, formando estrelas. Os olhos projetavam-se para fora das órbitas. As mãos eram duas garras enrijecidas, com as unhas voltadas para cima. O corpo, inclinado para a frente, estava em posição de ataque.

— Me enfrente como um homem, seu padresco!

— Para te derrotar, minhas armas são outras – respondeu Pietro, elevando o aspersório sobre a cabeça como se fosse uma espada prestes a golpear o inimigo. Ao abaixar o braço, em um movimento vigoroso, a água benta jorrou sobre a mulher. Ela se contorceu e gritou, como se atingida por lava vulcânica.

— Por favor, não me machuque mais – suplicou, imitando voz de criança.

— O que você quer? – continuou o padre, aspergindo água benta.

— Quero que você me chupe. Estou toda molhada – retrucou a possuída, com uma entonação sedutora. E forçou as coxas para fora, mostrando que não usava roupa íntima – É isso o que você quer, não? – indagou, passando a língua nos lábios.

O padre desviou o olhar para a imagem de São Miguel Arcanjo, acima da soleira da porta. E continuou a recitar a fórmula de exorcismo do *Rituale Romanum*, que já sabia de cor:

— *Adjúro ergo te, draco nequíssime, in nómine Agni immaculati, qui ambulávit super áspidem et basilíscum, qui conculcávit leónem et dracónem, ut discédas ab hoc hómine.*

Em seguida, molhou o polegar direito com óleo consagrado e se aproximou da mulher. Desenhou o sinal da cruz em sua testa. Dez longos gritos.

— Eu conheço seu segredo, Pietro. Por isso você trabalha sozinho, não é? Tem medo de que outras pessoas descubram que você é um assassino? – ela deu uma gargalhada profunda, antes de prosseguir – Não deve ser fácil acordar à noite com o choro daquela criança. Ela está morta. Morta!

Pietro sentiu o coração se contrair. Um nó na garganta. Olhos marejados. A mulher ficou ereta na cadeira, com um sorriso malicioso no rosto. Ela atingira o padre. Com uma arma poderosa. Ele engoliu seco. Pigarreou. Fez uma oração a Nossa Senhora. Em silêncio. Ao sentir-se recuperado, forçou o crucifixo de prata contra a testa da mulher. Com raiva.

— Qual é o seu nome?

Ela cuspiu em seu rosto. Mas ele permanecia imóvel.

— Qual era o nome da criança? – provocou a possuída.

— Você deve saber. Também estava lá. Qual é o seu nome, espírito imundo?

— Pode me chamar do que quiser, Pietro. Isso não faz diferença. Você não vai me foder logo? Sei que está com vontade.

— Em nome de Nossa Senhora, cale a boca e me diga de onde você vem.

— **Ave... Os olhos onipresentes da rainha revelam a chave de Armon.**

— Volte para o inferno!

— Você pode me expulsar agora, padre assassino. Mas vou voltar para acertar as contas. Ninguém vai te salvar quando Deus revelar sua outra face.

— Esta é a face de Deus – exaltou-se Pietro, esfregando o crucifixo na face direita da mulher. – *Recède ergo in nómine Patris, et Filii, et Spíritus Sancti. Amen.*

Um berro agonizante.

— Pode ficar com esse corpo acabado – disse uma voz masculina, já sem vigor.

A cabeça da mulher tombou para o lado esquerdo. O rosto, inchado por pancadas e coberto por hematomas, estava menos lúgubre. Mas não tinha vida. O padre colocou dois dedos em seu pescoço, sobre a carótida. Sem pulso. Fez o sinal da cruz. Pegou o celular no bolso e ligou para o assistente.

— Andrea, ela está morta.

CAPÍTULO 4

Sem conseguir dormir, David foi ao escritório. Pretendia terminar a matéria sobre a top model brasileira Fernanda Albuquerque, que chegaria a Londres no fim de semana para o lançamento da campanha publicitária do novo perfume Schiaparelli. “Ela é a nova estrela do *showbiz*. Quero um perfil completo, quando transou pela primeira vez, quantos namorados já teve, com quem está saindo. E especule sobre um romance com o príncipe Harry”, o editor-chefe, Steven, pautara David.

— Dos assassinatos ritualísticos ao mundo das celebridades – disse para si mesmo, abrindo o arquivo com a coletânea de matérias e entrevistas da modelo brasileira em jornais e revistas internacionais.

Há dois anos, com a carreira no jornalismo em ascensão meteórica, não poderia imaginar que acabaria na redação de um jornal sensacionalista como o *The Star*, garimpando fofocas de celebridades. Às vezes, confirmando boatos a pedido do editor-chefe. A história com o príncipe não passava de uma invenção barata. “Não importa. Quero manchetes que vendam jornal. Depois, se chiarem, a gente solta uma notinha de poucas linhas pedindo desculpas pelo mal-entendido”, repetia o diretor nas reuniões de pauta. A decadência profissional de David era comentada abertamente pelos seus colegas. Ele assinara uma série de reportagens sobre assassinatos ritualísticos ocorridos em Londres. Em sua investigação, concluíra que os responsáveis pelos crimes eram integrantes de uma poderosa seita. No último artigo, publicara nomes de pessoas influentes da sociedade inglesa. Havia membros da Câmara dos Lordes, amigos de seu pai. No dia seguinte, um maníaco capturado pela Scotland Yard confessara os assassinatos. Com sua prisão, nenhuma mulher fora novamente encontrada com o útero eviscerado e o coração arrancado do peito. David perdera a credibilidade com o público e fora execrado pelo mercado. Um jornalista sem reputação não é ninguém. Além do emprego no *The Guardian*, como editor-adjunto, também perdera a amizade de seu pai, que não o perdoara pelo “grave e irresponsável equívoco”. As pessoas costumam justificar os próprios erros apelando para um bode expiatório. No caso de David, um personagem misterioso conhecido como Duque Negro. Era o único nome que não constava em sua lista. O jornalista fora acusado de perjúrio. Semanas depois os nobres ingleses retiraram as queixas contra ele. “Isso não é cavalheirismo. Faz parte da conspiração”, repetia. No fundo do poço, recebera uma ligação do editor-chefe do *The Star*. “Você é o cara ideal para trabalhar aqui. Faz barulho e não tem escrúpulos”, dissera-lhe pessoalmente. Como não via outra saída, aceitara o emprego de editor assistente. Quase dois anos depois, no escritório de sua casa, uma entrevista de Fernanda para a *Playboy* brasileira chamou sua atenção.

— Você perdeu a virgindade aos catorze anos? Meu chefe vai adorar saber disso. Também vai gostar de saber que já participou de *ménage à trois*. Com dois homens! E drogas... Maconha. Algo mais pesado? Ah, experimentou cocaína em Nova York – conversava com sua perfilada até que uma resposta prendeu sua atenção.

Minha última lembrança do meu pai é assustadora. Acordei por causa de um pesadelo. Um dragão de fogo. Fui até o quarto dos meus pais, mas não havia ninguém. Desci as escadas e vi que o quintal estava movimentado. Meu pai estava com as mãos vermelhas. Parecia sangue. Consegui ver um bicho morto em cima de uma mesa. Talvez fosse um bode. Fiquei assustada e não quis ouvir a explicação da minha mãe. Só não queria mais conversar com ele. E me arrependo. No fim da tarde seguinte, ele morreu esfaqueado. Seu corpo estava jogado na mata, perto de casa. A polícia nunca descobriu o assassino.

David sorriu. Iria além da fórmula sexo, drogas e escândalos amorosos. A história da top model teria magia negra, sacrifício de animais, morte misteriosa. Dragão de fogo.

CAPÍTULO 5

O carro com os dois homens estacionou discretamente diante de Santa Maria in Aracoeli quase às cinco da manhã. Andrea ligou para Pietro. E desligou no terceiro toque. Poucos minutos depois a porta lateral da igreja se abria. Ele ficou vigiando do lado de fora. Simone seguiu o padre até a sala de exorcismos, com um embrulho debaixo do braço. Ao entrar na câmara secreta, o ex-presidiário olhou para a Madonna di Aracoeli. E abaixou a cabeça, envergonhado.

— Faça isso rápido — ordenou o padre.

Sem dizer nada, Simone estendeu um plástico acinzentado no chão. Desatou as cintas que prendiam a mulher na cadeira vermelha. O rosto estava mais deformado. E a vítima, mais pesada. Ele deitou-a sobre o plástico, acompanhado pelo olhar preocupado do padre. Cobriu o corpo com um dos lados e puxou uma fita vermelha, transformando o embrulho em saco mortuário.

— É o momento da despedida, padre — alfinetou Simone, antes de cobrir o rosto da vítima.

— Não irei acompanhá-lo até a porta. Diga ao Andrea que ela deve ter um enterro cristão. Rezarei por sua alma.

“É um cretino”, pensou Simone, colocando o pacote nas costas. Passou pelas colunas da nave lateral sem olhar para os lados.

— Exorcistas matam as pessoas? – perguntou a Andrea assim que deixou a igreja.

Um homem alto, vestindo casaco escuro, passou na rua, mirando o alto da escadaria e flagrando os dois. Desapareceu em poucos segundos.

— Cale a boca, Simone. Precisamos ir embora antes que mais gente apareça.

— Você acha que a gente chama a atenção? Só porque estamos saindo de uma igreja a essa hora, carregando uma mulher morta?

— Você sabia que essa escadaria foi terminada em 1348 para comemorar o fim da Peste?

— Dane-se essa escadaria maldita. Danem-se vocês, padres. Raça sinistra. Essa garota estava viva quando a deixamos na igreja. Não sei o que aquele cara fez com ela, mas coisa boa não foi – desabafou Simone, colocando o cadáver no porta-malas do carro – Meu pai sempre me dizia para não confiar em padres.

— Você não sabe o que está falando. O padre Amorth é um bom homem.

— Ele guarda uma caveira no armário.

— Você lembra o lugar em que pegamos essa garota? Ela estava em um acampamento de adoradores do demônio.

— Cara, ela era uma garota de programa. Só isso. Escapou de uma orgia para acabar com um velho pervertido.

— Você é um tosco! Não sabe de nada. Devia fazer seu trabalho calado! – retrucou Andrea, com o tom de voz ligeiramente alterado.

Uma freada brusca.

— O que foi? – berrou o seminarista.

Outro carro havia cruzado a rua e fechado os dois. Vidros escuros. Dois homens abriram as portas traseiras. Estavam com capas pretas sobre terno e camisa igualmente pretos. Óculos escuros. As pistolas automáticas cromadas reluziam nas mãos.

— Meu Deus, nos proteja – rezou Andrea, apavorado.

CAPÍTULO 6

David chegou à redação do *The Star* às dez e meia. Ele se destacava entre os colegas. Os outros vestiam roupas fora do tamanho – para mais ou para menos. Desde pequeno, David frequentava a Savile Row, centro da costura inglesa sob medida. No número um da rua, na Gieves & Hawkes, era sempre atendido pelo mesmo alfaiate de seu avô. “Você conhece meu corpo melhor do que eu”, dizia para Charles, enquanto ele tirava suas medidas, várias vezes. O resultado era impecável. E ajudava a encobrir a diferença de poucos centímetros entre as duas pernas, resultado do acidente de automóvel que matou Susan. Os tecidos preferidos: *nailhead*, nos tons de cinzento e azul, cinzento-escuro, quase preto, com riscas agulhadas, e o clássico riscas brancas sobre fundo azul. Foi com esse último que chegou na mesa do editor-chefe.

— Como está o andamento da matéria? – perguntou Steven.

— Está pronta – respondeu, apoiando a bengala preta, com esfera de prata na ponta, em sua mesa. Era uma companheira inseparável e o ajudava a disfarçar que mancava ligeiramente com a perna direita. Abriu a maleta de couro marrom-claro e pegou três folhas impressas.

— Temos uma manchete para a capa?

— Na minha opinião, sim – respondeu, entregando-lhe a matéria.

— Sexo, drogas... O quê? Magia negra? – surpreendeu-se Steven, com o texto em mãos – Cara, isso é sensacional. Quero que você fique em cima dessa história. Cobrirá a estadia dela em Londres, coordenará os *paparazzi* e trará ao jornal uma entrevista exclusiva.

— Ela negou o pedido de entrevista exclusiva. Fará uma coletiva no Mandarin Oriental.

— Faça o impossível.

— Só isso? – ironizou David, fechando a maleta e pegando a bengala.

— Não – respondeu Steven, com um sorriso malicioso no rosto – Amanhã uma jornalista americana chegará à nossa redação. Ela se chama Mary e tem um “QI” poderoso. Você será seu tutor.

— O quê? Você sabe que gosto de trabalhar sozinho. Ainda mais com a chegada da Fernanda Albuquerque. Não terei tempo de ser babá de ninguém – esquivou-se David.

— Essa missão é sua, cara. Além do mais, qualquer editor gostaria de ter uma assistente de vinte e três anos – disse, piscando para ele – Agora, chega de conversa. Preciso editar sua matéria. Passe uma cópia para o meu e-mail.

— Espero que isso possa ser útil para a promoção que você me prometeu – cutucou David, partindo em direção à sua mesa.

Já instalado diante do computador, pegou seu bloco de notas: Samyaza. Era o momento de descobrir o que significava aquele nome. Invocou seu oráculo: Google.

CAPÍTULO 7

Ele passava com o motorista da diocese pelos imponentes portões de ferro do Ateneu Pontifício Regina Apostolorum, nos subúrbios de Roma, quando seu celular tocou.

— Não posso falar agora. Tenho uma conferência. Ligo quando terminar.

Sua palestra era uma das mais aguardadas pelos alunos daquele estranho curso. Em quatro meses, uma plateia composta por seminaristas, padres e freis dos quatro continentes tinha aulas sobre os aspectos históricos, teológicos e pastorais do exorcismo, as raízes antropológicas e sociológicas da crença no demônio, as patologias psicológicas e as respostas jurídicas aos cultos satânicos. “Precisamos treinar os soldados de Deus para a batalha final”, o padre dissera na aula inaugural. O título de sua aula era emblemático: “As marcas da besta”. O carro atravessou os gramados verdejantes daquele campus em expansão e estacionou diante de um prédio imponente e moderno.

— Padre Pietro Amorth, nosso mestre – saudou um jovem padre asiático ao recepcioná-lo – O único que consegue lotar nosso auditório.

— Vamos deixar nosso jantar para outro dia?

— Algum problema, Pietro?

— Um chamado urgente da Santa Sé – explicou Pietro, entrando no auditório.

Havia mais de cem pessoas. Ele colocou um fone de ouvido com microfone. “As marcas da besta” também seria transmitida a alunos de outras cidades italianas. Entregou o pendrive ao assistente e pegou um pequeno controle remoto.

— Caros alunos, vocês estão aqui porque ouviram a voz de Deus. Todos devem conhecer aquela carta em que São Paulo diz: “Revesti-vos da armadura de Deus, para que possais resistir às ciladas do diabo. Pois a nossa luta não é contra o sangue e a carne, mas contra os principados, as potestades, os dominadores deste mundo tenebroso, os espíritos malignos espalhados pelo espaço”. Além de aliviar o sofrimento dos possuídos, nossa missão, como exorcistas, é descobrir as ciladas diabólicas contra a humanidade. Os demônios deixam marcas por onde passam. E é sobre essas marcas que pretendo falar aqui.

Apertou o botão do controle. No primeiro *slide*, a imagem de um dragão vermelho-fogo, com sete cabeças, dez chifres e uma longa cauda. Abaixo dela, várias estrelas.

— Eis o diabo na visão de São João, descrito no capítulo doze do Apocalipse. As estrelas, como vocês sabem, são os anjos que ele arrastou do céu. É parte de seu exército. Mas ele também recruta outros soldados. Vocês sabem de que maneiras o diabo faz isso?

As respostas da plateia se seguiram, desordenadas.

— Tudo o que disseram está correto, mas quero apontar para uma pequena passagem do Gênesis, o primeiro livro da Bíblia: “...os filhos de Deus viram que as filhas dos humanos eram bonitas e escolheram as que lhes agradassem como mulheres para si”. Os “filhos de Deus” são os anjos caídos, os demônios. O que isso significa? Que eles tiveram relações sexuais com as mulheres. E elas geraram filhos – disparou, varrendo o auditório com os olhos.

Ele sabia prender a atenção dos alunos. Todos estavam em silêncio, querendo ouvir mais. Pietro apertou outro botão. Era a foto de uma escultura. Ela retratava um anjo seduzindo uma mulher nua. Uma de suas mãos segurava o braço de sua consorte. A outra trazia a cabeça para perto dos lábios.

— Sabem o nome desse sedutor das trevas? – inquiriu a uma plateia perplexa.

CAPÍTULO 8

Aquele estranho nome aparecia em centenas de páginas da internet. Resolveu abrir a primeira. Ela falava de um texto escrito por volta do século III antes de Cristo. O *Livro de Enoque* era considerado apócrifo e não fazia parte da Bíblia. Durante milênios, apenas fragmentos circularam entre estudiosos e místicos. Porém, no século XVIII, um explorador escocês, chamado James Bruce, encontrou a versão integral. A primeira edição moderna saiu em 1821.

—Vamos ao que interessa – disse para si mesmo, fazendo o *download* do livro. Correu os olhos pelas páginas. No sétimo capítulo, mulheres elegantes e belas desfilavam seus atributos na face da Terra. Alguns anjos, de passagem por aqui, ficaram apaixonados e confabularam entre si: “Vamos escolher mulheres para ter filhos com elas”.

— Que anjos safados – murmurou David, com um sorriso maldoso.

O líder da rebelião arrastou duzentos deles até o monte Armon. Lá, todos juraram lealdade a ele. Seu nome: Samyaza. Logo depois, transaram com mulheres, plantando na humanidade a semente da maldição. Suas concubinas aprenderam a arte da feitiçaria e, após a gestação, pariram gigantes. Insaciáveis com a comida disponível, os monstros se viraram contra os homens para devorá-los. Os poucos sobreviventes, aterrorizados, suplicaram a ajuda dos céus.

— Essa história é bem mais interessante do que a serpente no Jardim do Éden. Mas o que tenho a ver com uma lenda de milênios atrás? – questionou-se – “Se tiver tempo, ligarei para meu amigo em Roma. Ele deve ter alguma explicação para o meu sonho”, pensou, abrindo sua caixa de mensagens.

A redação do *The Star* seguia o modelo americano. Uma sala, sem paredes altas, era dividida em vários núcleos, como Esportes, Moda, Celebidades. Em cada setor, o editor e o editor assistente sentavam-se lado a lado, supervisionando o trabalho de dois ou três repórteres, instalados em mesas menores diante deles. Na parede oposta à entrada, as mesas do editor-chefe, do redator-chefe, do diretor de arte e de fotografia

compunham a linha executiva do jornal. Atrás dela, a sala do diretor do *The Star* – o único com o privilégio da privacidade – e a de reuniões de pauta. Desde que entrara para a equipe, David era o único a ocupar o núcleo de reportagens especiais, no cargo de editor assistente. Isso lhe dava autonomia para defender suas próprias pautas nas reuniões. Outra vantagem era a de não precisar se subordinar a nenhum editor, além do editor-chefe, Steven.

— Bom-dia, David. Você tem o celular do Mohamed al-Fayed? – perguntou Carolyn, a editora de moda. Com trinta e dois anos, um metro e oitenta de altura, olhos verdes e cabelo loiro, ligeiramente ondulado, emoldurando um rosto de traços suaves, Carol não andava pela redação, desfilava as tendências da moda. E arrancava suspiros de seus colegas.

— Tenho, sim. Deixe-me consultar a agenda – respondeu David, abrindo a pasta e pegando seu Filofax. – Aqui está – anunciou, anotando o número em um papel e entregando-o a ela.

— Além de ser o jornalista mais elegante, você é o que tem os melhores contatos – ela agradeceu, com um largo sorriso. “É uma conta bancária milionária”, completou em pensamento, voltando para sua mesa.

— Talvez Samyaza escolhesse você, Carol – disse baixinho, apreciando discretamente, enquanto ela se afastava, suas curvas naquele vestido justo.

CAPÍTULO 9

O padre Pietro pegou o celular após atravessar os portões do Vaticano. Estava ansioso. Era a primeira vez que se reuniria com os outros membros daquela confraria secreta desde que fora convidado por seu amigo e confessor, o cardeal Gabriele Fioravante. Não disfarçou a surpresa quando soube do local do encontro. Conhecia muito bem os corredores da Santa Sé e em menos de dez minutos chegaria ao lugar combinado. Assim que entrou na Capela Sistina, as portas atrás dele se fecharam. Uma mesa, diante do Juízo Final, tinha cinco cadeiras. Duas